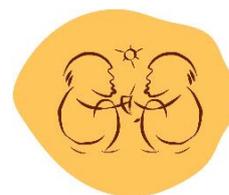


Cecílio Vera¹



Gilberto Luiz Alves²



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

www.icgilbertoluizalves.com.br/

¹ Publicado em PELLEGRINI, Fabio; REINO, Daniel (Orgs.). **Vozes das artes plásticas**. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2013, p. 140-145.

² Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-UNIDERP.



Cecílio Vera
Amambai, MS, 1958
- Campo Grande, MS
Fotografia de Daniel Reino

Cecílio Vera (Amambaí, MS, 22.11.1958 - Campo Grande, MS) é o nome artístico de Cecílio Vera dos Santos, nascido no município de Amambai em 22 de novembro de 1958. Filho de Jonas Marinho dos Santos, mineiro de Montes Claros, que, depois de se deslocar para Mato Grosso, passou a viver na região de fronteira com o Paraguai. Nas paragens fronteiriças, esse mineiro dedicou-se ao trabalho na agricultura e à extração de madeira para serrarias. Residiu em Dourados e se transferiu para Amambai, onde conheceu sua esposa, Petronilha Vera dos Santos, de descendência paraguaia. Nessa cidade, nasceu o filho Cecílio, o primogênito de nove irmãos. Em Mundo Novo, o artista começou seus estudos na escola primária, concluídos em Eldorado, onde cursou, também, o antigo ginásio de nível médio.

Na escola, Cecílio gostava de rabiscar desenhos no papel. Quando começou a trabalhar, ainda muito jovem, mas já independente, não perdia a oportunidade de fazer desenhos com carvão em toras serradas.

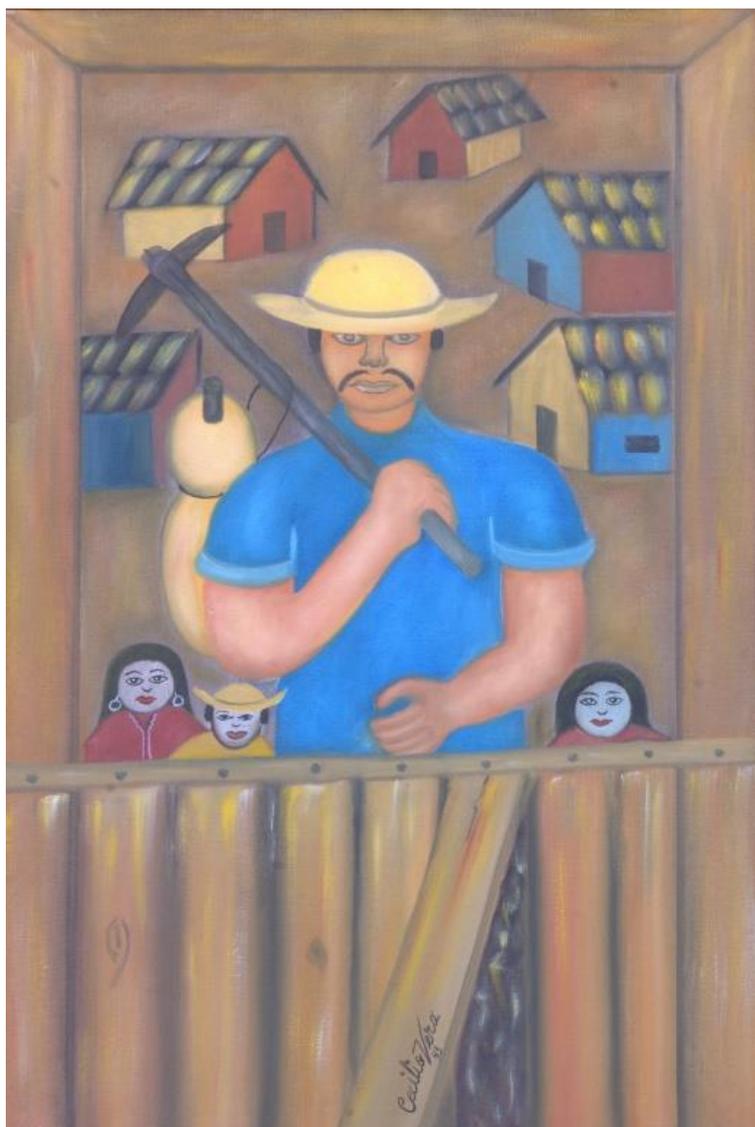
Aos 20 anos mudou-se para Eldorado, onde, motivado pelo desejo de pintar, empregou-se como ajudante de pintor em uma pequena empresa de propaganda. Fazia faixas e letreiros de prédios. Por volta de 1980, começou a pintar em placas de duratex. Utilizava, então, tinta látex. Não tinha objetivo de comercializar essas peças. Atendia, exclusivamente, uma ânsia interior que o impelia a pintar.

Em 1984 transferiu-se para a Capital do Estado. Levado pela curiosidade dirigiu-se à sede da Associação de Artistas Plásticos em Campo Grande. Ilton Silva estava à frente do órgão e foi seu grande incentivador e também inspirador. Cecílio começou a pintar, então, com recursos mais apropriados. Óleos sobre tela começaram a florescer. Como precisava assegurar sua subsistência, empregou-se nas Casas Pernambucanas como “cartazista”.

Teve boa acolhida no 4º Salão de Artes Plásticas de Mato Grosso do Sul, realizado em 1985, quando recebeu o Prêmio Aquisição de Pintura com a tela “Sala”. Orgulha-se por ter sido premiado ao lado de Ilton Silva. Em seguida, tornou-se nome sistemático nos salões e mostras da Capital e do Estado. Sua consagração definitiva ocorreu na Mostra de Arte Ingênuo e Primitiva de Piracicaba, em 1991, quando sua tela “Derrubada” recebeu Menção Honrosa

Cecílio Vera é uma figura extremamente cordial, mas de poucas palavras. Quem o vê tem a impressão de que prefere ouvir. Aqueles que com ele convivem e têm o privilégio de apreender um pouco mais suas ideias, reconhecem um nível de consciência que não deixa o artista desligar-se de suas origens. As telas que produz também objetivam esse fato. Seus personagens são os trabalhadores, homens e mulheres, com os quais conviveu em sua infância e juventude. De suas pinturas emana a admiração que cultiva por tais personagens. Mas isso também é lealdade política, pois as temáticas denunciam a submissão desses atores e manifestam inconformismo. O tratamento não é panfletário. Os trabalhadores são retratados no trabalho, no cotidiano de seus ranchos e em festas populares. As imagens captam e evidenciam valores, ideias, costumes e práticas culturais.

Cecílio reconhece que o mundo por ele retratado praticamente desapareceu com a modernização dos meios de produção no campo, mas sua pintura testemunha a importância da obra que erigiram, em uma época marcada por necessidades de toda ordem. Nesse sentido, ela ganha o caráter de importante registro iconográfico para a preservação da memória na fronteira sul do Estado.

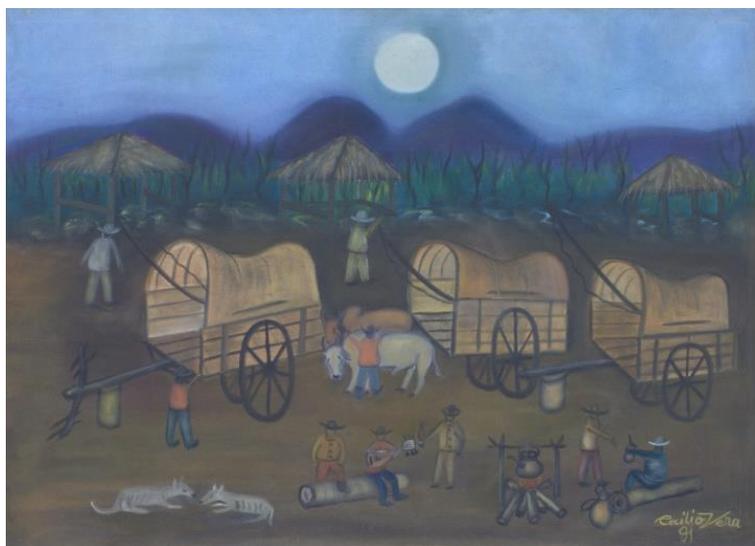


Cecílio Vera, a.c.i.
Chegando do Trabalho
60 x 40 cm.
Óleo sobre tela
1993

O maior envolvimento com o conjunto das temáticas exploradas em sua obra atesta ser ele um formidável painel da saga dos trabalhadores da fronteira, desde aqueles chegados na condição de pioneiros, que aportaram nessas paragens no final do século XIX. Em seguida, eles começaram a realizar o desmatamento da região visando a implantação de roças para o cultivo de gêneros agrícolas voltados à subsistência. Ajudaram a prover de alimentos grandes empreendimentos como a exploração da erva mate.

O deslocamento de vastos contingentes populacionais oriundos do Paraguai, que traziam marcada nas próprias feições sua ascendência guarani, e sua fixação na fronteira disseminaram seus descendentes e seus traços por toda a região. A exploração de atividades econômicas, como a produção do mate e do tanino, deu margem à destruição de matas nativas. Devastados os ervais e os quebrachais pelas atividades extrativas,

mais tarde, já na década de 1970, novas ondas de migrantes do Sul, devotados à agricultura, incrementaram o desmatamento



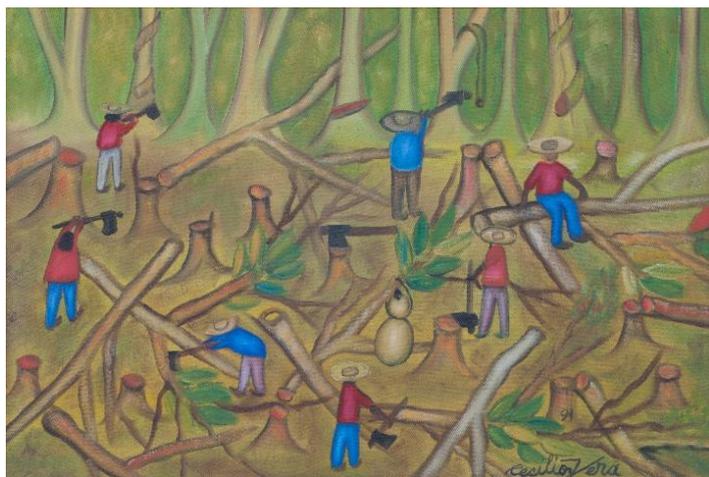
Cecílio Vera, a.c.i.d.

Acampamento

50 x 70 cm.

Óleo sobre tela

1991



Cecílio Vera, a.c.i.d.

Derrubada

40 x 60 cm.

Óleo sobre tela

1991

(Menção Honrosa - Mostra Arte Ingênuo Primitiva, SESC Piracicaba. 1991)

Em seguida, ocorreu a expansão das lavouras de cana. Essas atividades e suas consequências foram acompanhadas pelo olhar do artista ou ouvidas pelos relatos dos mais velhos. Daí as inspirações para suas telas. Captando a memória da região, elas se tornaram, também, registros que a preservam. São contados os primeiros tempos dos pioneiros, recém-chegados em suas carretas campesinas e levantando os primeiros acampamentos. As toscas casas de madeira, os ranchos humildes, o carro de boi, a alça prima, os rústicos instrumentos usados pelo homem na extração do mate, do quebracho e na transformação das matas em lavouras - como a foice, o machado, a enxada, o

enxada, o machete e o arado -, além de utensílios como o pilão e a porunga para transportar reserva de água, são sistemáticos elementos de composição em suas telas



Ilton Silva, a.c.i.d.

Cortando Cana

18,5 x 24 cm.

Óleo sobre tela

s.d. (Déc. de 1990)

O processo de capitalização dos produtores rurais, que acompanhou o desaparecimento desse mundo registrado por Cecílio, não foi tão somente a superação do atraso como muitos alegam. Gerou problemas que atingiram dramaticamente os trabalhadores da região e os demais seres vivos. O comprometimento político do artista o levou a fazer o registro desses problemas. Em especial, a questão ambiental tem sido o elemento norteador de sua produção mais recente. Ao fazer essas considerações é necessário deixar claro que nas pinturas de Cecílio não se flagram manifestações de nostalgia pelo mundo que ele testemunhou e está em vias de definitivo desaparecimento. Mas, consciente, ele reconhece que em nome da modernização foram realizadas iniciativas que comprometeram a existência dos homens e de todos os seres vivos na região. Suas telas apreendem e registram a expulsão dos trabalhadores do campo, as condições abusivas de trabalho e o comprometimento generalizado da qualidade de vida em decorrência do uso desenfreado dos recursos naturais. Essa consciência política, largamente atravessada pelas ameaças ao meio ambiente, está presente em boa parte de sua produção, desde o início da década de 2000. A tela “Lamento da Natureza”, exposta na Bienal de Naïfs de Piracicaba, SP, de 2002, é um expressivo registro das preocupações ecológicas do artista. No Salão Horizonte da Arte, promovido pela Fundação Municipal de Cultura de Campo Grande, MS, e realizado no Armazém Cultural em 2011, o artista recebeu o prêmio Cidade Morena com a tela “Lixão”. Um traço marcante da personalidade de Cecílio é a solidariedade. Em uma época de exacerbado individualismo, o artista busca estar próximo de seus companheiros de jornada. Ele vem aglutinando outros artistas plásticos primitivistas. Há oito anos, aproximadamente, fundaram o

“grupo Cores da Terra”, integrado por ele, Ramão Lopes, Marcelo Ivanhez, Lucio Laranjeira e Jeudson Araújo. A produção do grupo alimenta, anualmente, uma mostra na Morada dos Baís, em Campo Grande. Na função de animador cultural, Cecílio Vera evidencia sua generosidade e solidariedade para com os outros artistas plásticos incluídos nesse Grupo. Nas diferentes edições anuais das mostras realizadas pelo grupo, vêm sendo convidados outros primitivistas como Isaac Saraiva, Sydnei Fernando Nofal, Juracy Mello, Jonir Figueiredo e Anelise Godoy.

Exposições Coletivas com Menção e Prêmio

MOSTRA de Arte Ingênua e Primitiva: Catálogo. Piracicaba, SP: SESC Piracicaba, 02 a 31.08.1991. n.p. (Menção Honrosa com a tela *Derrubada*)

Salão de Artes Horizonte da Arte, Armazém Cultural/Fundação Municipal de Cultura de Campo Grande, Campo Grande, MS, 25.ago. a 04.set.2011. (Prêmio Cidade Morena com a tela *Lixão*)

Principais Exposições Coletivas

II Exposição Itinerante de Artes Plásticas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande; Corumbá; Aquidauana; Três Lagoas; Paranaíba; Dourados e Ponta Porã, MS, 16.set. a 01.dez.1988.

IV Salão de Artes Plásticas de Mato Grosso do Sul, Centro Cultural, Campo Grande, MS, 22.nov. a 20.dez.1985. (Prêmio Aquisição Copagaz de Pintura com a tela *Sala*)

V Salão de Artes Plásticas, Campo Grande, MS, 21.nov. a 21.dez.1986.

IX Salão de Artes Plásticas de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 28.nov. a 28.dez.1996.

XV Mostra Guaicuru de Artes Visuais, Saguão do Palácio Guaicuru/Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 19.out. a 05.nov.1999.

Arte dos Mato-Grossos: Tudo é um mato só, Campo Grande, MS: Galeria Wega Nery/Centro Cultural José Octávio Guizzo, 25.ago. a 05.set.1994.

BIENAL Brasileira de Arte Naïf. Piracicaba, SP: SESC, 06.mai. a 05.jun.1994. n.p. (Artista Participante)

BIENAL Naïfs do Brasil 1998. Piracicaba, SP: SESC, 09.out. a 15.nov.1998. 113 p. (Obra Selecionada, p. 28).

BIENAL Naïfs do Brasil 2002. Piracicaba, SP: SESC, 22.nov.2002 a 09.03.2003. 132 p. (Obra Selecionada, p. 40).

Naïfs em Exposição III, Campo Grande, MS: Morada dos Baís/Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, 15.jun. a 01.jul.2004.

Algumas Exposições Individuais

A cor ingênua, Campo Grande, MS: Morada dos Baís/Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, 16 a 28.nov.2004.

Cecílio Vera, Campo Grande, MS: Rádio Clube Cidade, 29.jul. a 09.ago.1988.

Exposições temporárias do artista plástico Cecílio Vera, Campo Grande, MS: Espaço Cultural Conceição dos Bugres/Shopping Campo Grande, 04 a 17.mai.1993.

Vivência ervateira: pinturas e poemas, Campo Grande, MS: Casa da Indústria, 22.ago. a 06.set.1991. (Catálogo com reproduções das telas de Cecílio Vera e poemas de Sidney Fernando)

Referências Sobre o Artista

PELLEGRINI, Fabio; Reino, Daniel (Orgs.). **Vozes das artes plásticas**. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2013, p. 140-45.

ROSA, Maria da Glória Sá, DUNCAN, Idara e PENTEADO, Yara. **Artes plásticas em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: s.ed., 2005, p. 158-9.

